



ASYLO DE ORPHÃOS EM CROYDON.

Surrey é um condado, ou provincia, d'Inglaterra entre o de Kent a leste e os de Berks e Southampton ao poente; n'elle esta Croydon sobre o Wadle, perto dos cabedelos ou medões de areia de Banstead, e apenas distante de Londres pouco mais de tres leguas.

Possue esta cidade a excellente instituição para abrigo de orphãos de menor idade, agora collocada em Stamford-hill, e que teve a primitiva fundação em 1844. Recebe creanças que já não tem pae sem distincção de classe, sexo, ou religião basta, só que sejam desamparadas e pobres; ahi são mántidas e ensinadas, os rapazes até os quatorze annos e as raparigas até completarem quinze.

No decurso de doze que conta de existencia aquelle instituto caritativo tem admittido 314 creanças, e continha no principio d'agosto proximo passado 135. No começo e ainda por algum tempo os alumnos foram accommodados n'uma casa em Stamford-hill; mas, como augmentasse o numero, foi necessario espalhar-os por outros locaes; e d'esta divisão da familia nasciam muitos inconvenientes e despesas.

Estando já cheias as tres casas, a commissão comprou um terreno perto de Croydon, onde tratou de levantar o edificio acima representado, cuja primeira pedra foi collocada no dia 5 d'agosto ultimo pelo *lord mayor* concorrendo as autoridades municipaes, e os patronos e bemfeitores do asylo. Tem accommodações para 400 creanças, independente das que se

destinam aos empregados e servos da casa, e das officinas necessarias.

Os alumnos dividem-se em tres classes, rapazes, raparigas, creanças pequeninas.

A frontaria tem 320 pés de extensão por 160 de fundo. A entrada é por um bello portico em uma torre central da altura de 100 pés até á grimpa, tendo na parte superior um sino. A obra é no estylo da architectura italiana, e de gosto e caracter singelos; foi ajustada por dezoito mil libras esterlinas.

M.

O LUCIO.

A *Illustração Inglesa* para demonstrar a voracidade do lucio, contou não ha muito tempo um facto, que se deu com dois individuos d'esta especie. Eis o caso:

« Um lucio ia devorar outro de corpo igual ao seu. O devorado não pôde passar pela guela do seu aggressor, nem pôde retirar-se, retido como estava pela valente dentadura que lhe guarnecia a bocca. O lucio tragado ficou preso entre os queixos do outro; n'esta posição os dois individuos em breve morreram asphixiados. »

Assevera aquelle jornal, que os dois lucios foram encontrados assim em Crystal Colne.

SETEMBRO 27, 1856.

ESTUDO CRITICO.

FAZER FORTUNA

DRAMA ORIGINAL EM 5 ACTOS

Por

ANTONIO DE LACERDA.

Continuação

III

BERENYCE—... Viver não, que tenho ancia de ir em espirito aos paramos ardentés em que nasci, escutar o murmúrio dos palmares e antever na miragem do deserto os paizes deliciosos das almas... era a crença de meus paes... a que primeiro tive. Irei depois aos logares onde os christãos se purificam para gozarem eternamente...

EMILIA— Deus cuja clemencia é infinita hade chamar junto a si abraçadas as duas infelizes irmãs; mas só elle tem direito á nossa vida e á de nossos inimigos.

ACTO II — SCENA VII.

No segundo acto, o idyllo desaparece; e as côres carregadas do crime substituem as mimosas tintas da virtude:

Estamos no Brazil e em casa de um rico negociante de escravos; um dos que adoram o bezerro de ouro, e sacrificam nas suas aras insaciaveis, probidade e honra proprias, vida, virtude e liberdade de seus irmãos.

Um d'estes, que estão costumados a sotopor os mais sagrados deveres ao interesse, e que trocam em moeda corrente affeições e amores, dedicação e amizade.

Este e Berenyce são os dois grandes vultos da composição. Os moldes não estão estragados pelo repetido serviço e as estatuas saíram perfectas.

Um e outro contrastam entre si. O primeiro personifica a raça barbara, que, traficando em carne humana, tem convertido em instrumentos seus uma grande parte da humanidade; a outra, a raça escrava e desvalida, que a má sorte tem posto á disposição e ordem d'esses despotas e senhores do seculo XIX.

Raças de opprimidos e oppressores hão de lutar continuamente. Já o tem feito por vezes, e se preparam ainda para o fazer; como na idade media entre senhores e escravos, o combate levará annos, rios de sangue tingirão essas porfias; mas a victoria, essa hade forçosamente caber aos infimos; que sempre lhes tem cabido, para que fructifiquem as sacrosantas sementes, que no alto do Golgotha foram regadas pelo sangue do justo.

Entregue a calculos torpes, vê Aurelio centuplicar-lhe a fortuna e locupletarem-se-lhe os cofres. É o que basta. Que importa que pelas maiores abjecções, pelas maximas villezas o tenha conseguido! Que importa, que tenham concorrido as escravaturas negra e branca, a moeda falsa, a seducção e o roubo? Os cofres fallam mais alto com o seu estru-gir sonoro; o tinir dos seus dinheiros tem comprado os poderosos e fascinado os humildes. Do resto ri-se o homem superior.

Todavia, as imagens das suas victimas veem-lhe apparecer diante dos olhos, mais vivas, mais pungentes do que ao rei escocoz, e cada uma recorda um crime, cada uma reclama um castigo, cada uma grita vingança.

Emilia, a innocente filha do Minho, é a primeira. Tem deixado, illudida pela refalsada madrinha, pae, irmã, amores e patria; tem conservado de tudo isso a saudade e o remorso, e para compensar tamanhas perdas, só lhe apparecem uma fortuna, grande é verdade, maior do que em seus sonhos a sonhara, e uma posição brilhante n'aquelle outro mundo, n'aquell'outra sociedade; mas essa fortuna é o premio do seu corpo e da sua honra; essa posição é a da bargã do homem opulento; esses respeitozão-lhe tributados, porque pertence a Aurelio; essa sociedade acata-a sómente porque a considera propriedade, objecto, distracção, capricho do homem cujos caprichos venera.

E ella vem rojar-se-lhe aos pés, pedir-lhe entre exprobrações e choros o que nunca lhe deveria ter tirado, aquelle engano d'alma ledo e cego, em que vivia em casa de seus paes, a honra de sua familia, um nome de que não possa corar, uma posição, que tenha nome em lingua de homens.

E pede-o para que as maldições paternas se retirem de sobre a filha perdida; e pede-o para que os seus a não considerem morta para si, como já o está para a honra; para que a sua casa possa conservar-se sem mancha, para que o vitupendio não cubra seu nome proferido pelas boccas dos seus companheiros d'infancia.

Aurelio resiste a principio, e cynico que é, lhe demonstra com theorias suas a puerilidade de semelhante pedido. Cede finalmente, não para reparar um erro, mas para que as faces d'aquella, que conserva como ornamento das suas salas, lhe não desbotem com o chorar, para que a belleza tão invejada pelos outros se não perca com desgostos.

O casamento hade fazer-se em breve. Existem impedimentos insuperaveis; um padre, digno d'este nome, não pode sancionar semelhante consorcio; mas outros menosmeticulosos hão de apparecer; não falta d'essa fazenda, diz deixando tinir o ouro nas algibeiras; a joven pode descansar, que seu futuro esposo vae dispor tudo em ordem para a união proxima.

Entregue a seus pensamentos, lembranças da sua aldêa a vem despertar. Tres pobres raparigas, tamhem enganadas, e menos favorecidas da belleza. lhe vem pedir misericordia e implorar-lhe soccorro contra os maus tratos, que tem soffrido, contra a sorte que as espera. São companheiras de infancia, que a reconhecem, que lhe fallam de seu pae que deixaram doente, de sua casa outr'ora em festas, hoje em prantos, onde d'antes resoavam os descantes populares, onde hoje rumorejam sómente os soluços da desventura.

Soccorre-as. E por quanto não desejara acompanhá-las a essas terras para onde voltam; por quanto ao menos em sua companhia recordar passadas venturas, prazeres dos melhores tempos! Mas ellas tem de fugir, porque a voz de Aurelio que vem de castigar os escravos, que as deixaram penetrar até ali, se ouve proxima, e porque, quem sabe, se ali pre-existirem, o mesmo castigo as alcançará, a mesma viltta as hade affrontar.

Cumpra fazer aqui uma pequena observação, que em pouco prejudica o drama, mas que diz respeito em mais ao effeito da scena. Tres homens, no primeiro acto, se foram despedir do velhoantes de partir para o Brazil; tres mulheres agora apparecem tendo vindo tamhem fazer fortuna áquelles climas.

A identidade do numero que facilmente poderia não existir, posto que insignificante, deixando de se

dar, tornaria de certo mais naturaes as duas scenas, que não teem estreita ligação entre si, mas que pela coincidência, parece terem sido traçadas de proposito para contraste.

Pobres tinham sido os primeiros annos da vida d'Aurelio. Simples alliciador de escravos, recebia de outras mãos mais poderosas o salario das suas infamias e o auxilio para as suas especulações. Uma vez que nas margens do Zambeze recrutava escravos, uma filha de reis d'aquellas paragens tomou-se de amores por elle, e, seduzida, abandonou a sua patria levando consigo objectos de immenso valor, que mais tarde haviam de contribuir para a fortuna do seu amante. Preciosidades cujo prestimo não conhecia, mas que elle lhe pediu que trouxesse.

O látego dos escravos, os ferros, os maus tratos, foram a paga de tantos beneficios e dedicação. Um homem do *grande mundo* não podia de modo algum conservar ligações com uma negra; as promessas de casamento foram falseadas, a mordaza cerrou a bocca á queixosa, os supplicios castigaram-lhe a affeição tão mal empregada, e as trevas dos carcerees occultaram o crime.

Todavia o remorso não desampara o malvado, e as paredes da masmorra tambem fallam. A prisioneira conseguiu sair, e no meio das festas, no auge dos folgares vem pedir vingança, e atormentar o seu verdugo.

Aquella branca, que d'além dos mares lhe vem roubar o promettido esposo; a mulher, que intenta chamar marido ao homem a quem a filha da Africa tanto queria, vai tambem pagar o seu atrevimento com a morte, e o ferro de um punhal lhe hade em breve chumbar á lapida da sepultura a mão, que a deve prender a Aurelio. Berenyce está ali diante d'ella; é o demonio da vingança, e a victima a quem chegou a sua hora de ser tambem algoz, e a quem o sangue todo da rival, que detesta, não pode compensar os soffrimentos passados, uma gota só que fosse, vertida em paga de cada dia de agonisar e de desespero.

Emilia porém é mais para lastimar, do que para reprehender; como Berenyce tambem foi illudida; como ella tambem abandonou terra e parentes, e sacrificou-se como ella a esse homem, que tambem a enganou. Depois, se o ferro da escrava punir na innocente as culpas de Aurelio, quem hade, pois que a purificação pelo casamento deixa de existir, quem hade lavar a nodoa de ignominia, que avilta o nome honrado do velho pae, e as paginas candidas da vida da *irmã innocente*? Poupe-a n'esse momento, consumme-se o acto santo, e mais tarde ella virá, por vontade propria, sacrificar-se ás iras da sua rival. Nem é tal o amor de Emilia pela vida, que de-seje resgatal-a d'aquelle descanso eterno que a fascina.

Os seus rogos encontram ecco no malaventurado coração da negra; é mulher, e a voz da branca, que *tão bem sabe pedir*, vai, despertando-a, fazer vibrar uma corda que até então não conhecera, ou a que os tormentos, e os supplicios tinham tirado o som; a da caridade. Perdoa, e como as estrellas, que umas apoz das outras apparecem no ceo, ao desvanecerem-se as nuvens da procella, veem apresentar-se-lhe successivamente, depois de um bom sentimento, as gratas lembranças da patria e da infancia.

O chefe poderoso que lhe deu o ser, e que á sua voz levantava e apparelhava phalanges tremendas de guerreiros arrojados para o combate; os prainos ardentes onde passara os primeiros annos e onde a natureza como avida das suas bellezas selvagens as

reproduz pela miragem; aquellas immensidões encantadas onde vagueiam as almas felizes dos seus finados queridos, a fonte do deserto, a palmeira, que assombrecava a casa de seu pae, a patria finalmente estende-lhe os braços energicos, rudes embora, barbaros se o quizerem, mas bemquistos e saudosos como o beijo de mãe ou a benção de pae. Chora de saudade, e o pranto fertilisa e dá vida áquelle coração endurecido pelo soffrer como as inundações sagradas do Nilo aos campos adustos da sua patria.

Do outro lado, as recordações não mingnam, do mesmo modo saudosas, egualmente queridas, mas mais suaves e meigas.

É a aldêa com as suas harmonias todas, são as harmonias das suas festas com os seus encantos, os dias de folguedos, e as noites de reza; a igreja da terra, e a terra sagrada do cemiterio, onde os seus baixaram á sepultura, é a cruz da campa e os sons do campanario, que chamam á reza, é o amor dos vivos e a lembrança dos mortos.

E aquellas duas almas ha pouco tão adversas, entendem-se agora e sympathisam uma com a outra, como duas cordas da mesma lyra, que disferindo-se contrarias, afinadas mais tarde pelo mesmo sentimento, casam e entoam o mesmo som. As mesmas recordações as prenderam e ambas em ligação estreita procuram refugio na terra da sua patria para as afflicções que lhes pungem.

Aquellas mulheres são como duas flores de natureza diversa, que o mesmo mal reunisse. São como a rosa silvestre do vallado, e a bonina do campo, que resequidas pelo sol de estio, curvando as hastes, se encontram pedindo ao solo onde nasceram alento e fresquidão.

E digam embora, que scenas semelhantes se acham gastas por triviaes; apresentadas, como esta o foi no *Fazer Fortuna* hãode sempre agradar e commover. O grande, o sublime, repitam-n'o as vezes que quizerem, não é vulgar nunca, o commum só pertence á mediocridade.

Tudo está preparado para o casamento e a voz de Aurelio chama a sua esposa aos altares. Berenyce trava da mão de Emilia, e leva-a até á porta da capella onde a pobre filha do Minho vai receber a reparação, que a sua desventura reclama.

E em quanto os sons do órgão se deixam ouvir, a escrava, commovida, por aquella branca que lhe deixou reconhecer, que ainda tinha coração no peito escravo; a negra engrandecida pela caridade e pelo amor eleva a sua voz até ao throno do Deus dos brancos, e dos negros, que lhe ensinaram a conhecer, e pede-lhe por amor da filha do Minho, que perdoe aos infelizes portuguezes, que desvairados veem n'aquella terra procurar fortuna; pede-lhe que lhes não converta em dura prova, em lugar de tormentos, e de desventura, aquelles terrenos tão férteis, aquellas paragens tão encantadas.

Vimos rebentar lagrimas a muitos no final d'este segundo acto. Quando se consegue commover um publico tão saciado e tão gasto; quando se fazem subir os prantos aos olhos resequidos e prosaicos dos espectadores actuaes; diga-se embora o que se quizer, consegue-se immenso, e conquista-se a reputação, que se outorgava outr'ora aos que commoviam e dominavam do alto do pulpito, do cimo da tribuna, ou das taboas dos palcos os auditorios, os comicios, e as platéas.

Continua.

R. PAGANINO.



ALCACER DO SAL.

Alcaccer do Sal, a que outr'ora se chamava Salacia, e em arabe *Al-Kassr-ben-abu-Danés*, foi uma importante povoação, mas está hoje bastante decaída.

O tempo, correndo, tem-a destruido, murchando-lhe o antigo esplendor, Existiu ali em epochas remotas um immenso arsenal, onde se construíam grandes armadas que depois saíam em procura dos christãos.

Foi capital d'uma vasta provincia, chamada Al-Kassr em arabe, e teve muita importancia commercial. A madeira dos immensos pinhaes de que era cercada, e que exportava em quantidade, era dos principaes artigos do seu commercio. Abundava-lhe o gado nos campos, que eram muito ferteis. Tudo hoje está mudado. Os campos, transformaram-se em pestiferos paues; dos pinhaes, resta o terreno, mas occupado por cearas de arroz, o que de certo não é melhoramento.

Esta villa tinha grande importancia militar, que ainda conserva. Porém muitos edificios estão arruinados, bem como o castello, cujos destroços o nosso desenho representa.

Apesar do decadente estado em que se acha, Alcaccer do Sal pode ainda ser uma das mais importantes povoações do Alemtejo, porque é por ali que se faz quasi todo o commercio dos cereaes com a capital.

Com boas vias de comunicação, com energia e vontade, Alcaccer do Sal erguer-se-ha do abatimento em que o desleixo e a incuria a tem deixado.

A população pouco incremento tem tido, em consequencia de circumstancias que é facil enumerar, não sendo das menos essenciaes, as febres intermitentes e outras doenças.

Devemos desconfiar mais da generosidade do avaro, que da sua mesquinheza.

SUSPIROS E SAUDADES.

Patria minha,
Terra amada,
Tão presada,
Que eu perdi!
De ti longe
'Stou chorando,
Suspirando
Só por ti!

Neste exilio
Tão remoto,
A ti voto
Meu amor.
Tua imagem
Amo tanto,
Que meu pranto
Junto á dor.

Oh que vida
Desgraçada,
Contristada,
Tão cruel!...
Da saudade,
Miserando,
Vou tragando
Negro fel.

Meus suspiros
Dolorosos
Tão saudosos
Solto em vão.
Esta pena
Redobrada
'Stá gravada
Na paixão!

Quando, ó terra
Tão amada
Suspirada,
Te heide ver?
Em ti q'rida
Deus permitta
Tenha a dita
De morrer.

Patria minha,
Terra amada,
Tão presada,
Que eu perdi!
De ti longe
'Stou chorando,
Suspirando
Só por ti.

Pernambuco, julho de 1856.

CHRONICAS MONASTICAS.

II

DA COMPANHIA DE JESUS.

Continuação.

Interior da igreja.

Entrando na igreja pela porta principal, encontravam logo os olhos um formoso anteparo, ou guardavento, de madeira de angelim lavrada de talha com grande valentia e perfeição, apesar da resistencia que, para se deixar lavar, aquella madeira faz ao ferro.

Tinha no meio uma grande porta, que constava de duas meias, e em cada uma d'ellas tres grandes almofadas, lavradas com muita obra, e toda de grande preço.

Por cima da dita porta corria uma cimalha, a que ficavam superiores outras duas almofadas nada inferiores ás que assentavam sobre as portas.

Formavam as ditas duas almofadas segundo corpo menos largo que o primeiro; o qual, além das mesmas almofadas era ornado de cada parte por sua misula e quartella; e sobre elle corria outra cimalha, e por cima d'ella assentava o remate, que era de talha vasada.

No meio d'elle se via o escudo com as armas da condessa fundadora, matizado com diferentes côres proprias da mesma madeira, ficando ultimamente sobre o escudo das armas uma corôa.

Proximas aos extremos da largura do anteparo ficavam para a parte da igreja, de cada banda, uma columna d'uma só pedra, que sem fallar em base nem capitel, tinham de altura vinte e cinco palmos, e em circunferencia sete e meio. Serviam estas columnas de sustentar a frontaria do côro.

Ainda hoje ali existem, e em vez do côro, que todo veiu a terra pelo terremoto, sustentam o pavimento da nova sala que se está construindo para continuação da contadoria do hospital de S. José.

Constava o comprimento da igreja, tomando a medida da parte interior da parede que sustenta o frontispicio até ao degrau que dividia o corpo da igreja do cruzeiro, de cento e vinte oito palmos, a que correspondiam na largura sessenta e quatro. E a este comprimento e largura era proporcionada a

altura; observando-se nas medidas as regras da boa architectura.

Era o corpo d'este templo todo de marmore branco, cujas pedras sobre serem bem lavradas foram todas com bastante custo brunidas. Lá estão ellas ainda hoje fazendo admirar a quem as vê pelo seu trabalho e labor. Ficarão ali? A que as applicarão?... É o que por ora não sabemos.

Em cada lado do corpo da igreja havia tres capellas eguaes em fundo, altura e largura.

Ainda ali existem completamente arruinadas, e excepto a primeira da esquerda logo á entrada, nenhuma d'ellas conserva já o embutido e talha com que foram adornadas.

Esta unica que dizemos ainda conserval-os, temos tão arruinados que rebenta de indignação o coração do artista ao imaginar que impias mãos de homem ousaram estragar tão mimoso trabalho. Ha quasi um panno inteiro na parede da esquerda, pelo qual os olhos podem avaliar a riqueza d'aquelles marmores embutidos, e a talha do retabolo mimosa e elegante pouco arruinada está.

Dentro em pouco que será feito de tudo isto? As pequeninas pedras do embutido saltarão ao embate da picareta que completará a destruição d'aquellas capellas para alargar as casas que se vão construir; e a talha sairá arrancada em lascas talvez para ir aquecer a fornalha da cosinha do hospital, como se faz á madeira velha e inutil.

Da parte do corpo da igreja davam entrada para dentro de cada capella dois pilares, que terminavam com sua moldura corrida pelos lados d'ellas. Sobre os ditos pilares, que formavam a entrada, se levantava um arco a que correspondia outro no fundo, sustentado de outros dois pilares eguaes aos que a capella tinha á entrada.

Sobre os arcos das capellas seguiam por todo o espaço que ellas occupavam uma cimalha, ficando no meio de cada arco a respectiva tribuna, em que assentavam sobre um cepo de marmore vermelho seis balaustres de pedra branca de Estremoz, servindo-lhe de frechal outro marmore vermelho bem lustrado.

Nos lados de cada capella havia dois grandes pilares, com as suas bases e capiteis mui bem lavrados. Sobre esses pilares, que no corpo da igreja eram por todos dez de cada parte, corria a architrave, friso, e cornija, tendo esta de sacada seis palmos e meio, e sustentada por cento e dois cachorros lavrados com boa arte.

Sobre a cornija começava a levantar-se a abobada, á qual se deu principio com tenção de ser toda de marmore branco, como era a mais obra, mas depois de muitos annos que esta se interrompeu por causa dos litigios que correram sobre os bens da condessa fundadora, quando ella se continuou no anno de 1650 pareceu muito mais formoso variar e ornar o tecto da igreja com marmores de diversas côres, o que se levou a effeito, compondo-o de brancos, pretos e vermelhos, que se ajustaram em nove paineis grandes, além de outros mais pequenos.

Acabado o corpo da igreja com a mesma diversidade de côr das pedras, se bem que com differente feitio, se cobriu o cruzeiro, fingindo no meio d'elle, com madeira pintada, o zimbório; e assim ficou até depois se fazer de pedraria.

Achando-se n'este estado as obras da igreja, fingiu-se na parede fronteira da capella mór um retabolo pintado, cuja obra se imitou nos dois altares do cruzeiro, que foi dividido da igreja com umas

grades pintadas; e outras semelhantes se pozeram nas capellas do corpo da igreja, que se fecharam com as suas respectivas portas.

Armadas já com bom ornato a capella mór, e as do cruzeiro e corpo da igreja, resolveu-se a mudança do Sacramento, da igreja antiga para a nova, e assim se levou a effeito no dia de Sant'Anna, em o anno de 1653.

Para se ajuizar d'esta solemnidade, transcrevel-a-hemos aqui, do manuscripto a que nos temos referido:

«E para se fazer a dita mudança com a solemnidade que pedia, se compoz uma magestosa procissão, que constava de varios carros triumphaes fabricados com mui singular artificio. Não era desigual á formosura dos carros a gentileza e riqueza das figuras a cavallo.

«Acompanhavam a procissão os religiosos todos da Companhia, moradores das casas de Lisboa, capazes de poderem ir na procissão, que acabava autorizada com os mui reverendos conegos e dignidades da metropolitana, que por carecer no dito tempo de prelado foi em seu lugar o illustrissimo bispo de Targa, provisor do arcebispado.

«Entre os religiosos da Companhia, que todos iam com as suas sobrepelizes, fizeram honra de acompanhar muitos, e mui graves religiosos de diversas religiões.

«Foi natural o concurso da gente para ver a procissão; e para que a commodidade de a ver fosse maior, sendo para isso mais larga a volta que desse, saiu da igreja velha, e descendo ás portas da Mouraria, passou ao Poço do Borratem, do qual fez caminho pela Cutelaria e Pichelaria, e vindo ao largo da rua dos Escudeiros passou á praça do Rocio, d'onde se foi recolhendo á nova igreja do Collegio, não acabando todos de louvar assim a perfeição da procissão como a com que estava adornada a igreja, accrescentando muito sua grande formosura a muita riqueza com que estava armada, concorrendo para isso o custoso e rico da armação, e o primoroso artificio dos armadores.»

Descripção das capellas.

A primeira capella que depois do pulpito se seguia no corpo da igreja, da parte do Evangelho, era dedicada á Senhora do Socorro.

Comprou-a ao collegio, para a compor e ornar, e n'ella ser sepultado, Manuel Rodrigues da Costa, fidalgo da casa de sua magestade, muito poderoso em riquezas, que todas despendeu em obras pias e de religião, mandando fundar por sua morte o grandioso recolhimento de donzellas, que encommendou ao cuidado da irmandade da Misericordia, á qual legou todos os seus bens.

Antes de morrer fez a fabrica da capella de mui bem lavrada pedraria, entre a qual era mui principal a de umas molduras de marmore que serviam de ornato aos paineis que ficavam nos lados da capella, sendo da parte do Evangelho um o da Cêa do Senhor, ao qual correspondia da parte da Epistola o outro do Nascimento do mesmo Senhor.

Sobre o altar se via uma banquetta composta de varias pedras affeiçãoadas com grande perfeição.

Havia mais na capella varias obras tambem de pedraria mui bem lavradas. Estava ella provida de mui bellos ornamentos, e dois castiçoes de prata, lavrados; e no lavor e feitio, se mostrava singular a alampada que tinha, e era tambem de prata.

O retabolo era de talha doirada, com duas columnas por banda, entre as quaes havia um nicho com uma formosa imagem de madeira, bem estofada, com o titulo de Nossa Senhora do Socorro.

Tinha esta capella de esmola por anno dez mil réis, que lhe deixou o fundador para se celebrar a festa da Purificação da Virgem; e com essa esmola contribuia todos os annos a mesa da Misericordia, como administradora dos bens d'elle, e mais duas missas quotidianas com esmola de quarenta mil réis cada anno: e para os paramentos, e azeite da alampada pagava a mesma Misericordia ao convento dezeses mil réis cada anno.

Ora de toda esta formosa pedraria e talha de que se reza na chronica, hoje não se encontra ali vestigio algum, nem pudemos averiguar que destino levou. As paredes d'esta capella estão perfeitamente em osso, e ninguem dirá, ao vel-as, que tão bem aparelhadas já estiveram.

E porque não deixará de ser curiosa uma breve noticia da irmandade da Senhora do Socorro, diremos que esta foi instituida na cidade de Santa Fé, na America, pelo jesuita Francisco Baray, no anno de 1649, e dentro em poucos annos se propagou por toda a christandade. Eram admittidas na congregação pessoas de um e outro sexo, assim seculares como religiosas, sem outra obrigação mais que a de mandarem dizer cada anno de sua vida, na igreja que quizessem, e pelo sacerdote que escolhessem, duas missas; uma pelos confrades vivos e defuntos, e a outra pelos defuntos. O papa Innocencio x, confrade d'esta congregação, concedeu aos irmãos d'ella, em bulla perpetua de 13 de agosto de 1653, varias indulgencias.

Seguia-se a segunda capella, a respeito da qual não pudemos descobrir noticia alguma, porque não tendo nem dono, nem irmandade, não a encontramos descripta nas chronicas impressas que temos compulsado, nem nos manuscriptos a que nos havemos soccorrido para este trabalho; e se n'algum tempo, antes de terminar esta parte que yae dedicada á Companhia de Jesus, encontrarmos memoria que nos falle d'ella, a estamparemos.

A terceira e ultima capella da mesma parte do Evangelho pertencia á irmandade de Santa Luzia, que a comprou ao collegio no anno de 1701, sete annos depois de se instituir esta confraria, porque teve principio em 1693. Esta irmandade tinha um guião de damasco róxo com que acompanhava os seus defuntos, e capellão que lhe dizia missa quotidiana; e era costume por parte dos padres da Companhia fazerem ali uma pratica no primeiro domingo de cada mez, e cantar-se depois uma ladainha, terminando a solemnidade dando-se a beijar a reliquia da santa, a qual se guardava n'uma custodia de prata.

Tinha esta capella um bom retabolo de talha, abrindo no meio um formoso nicho com a imagem da santa em seu throno.

O altar era de pedra lavrada, e sobre elle assentava uma banquetta de miudos embutidos, e dos mesmos se compunham os lados do altar feitos tambem com grande perfeição. Os degraus porque se subia para o altar eram de marmore vermelho com embutidos de rosas brancas.

Os magnificos vestigios d'esta capella, que não desdizem da descripção, ainda ali se podem ver hoje; mas d'aqui a pouco que será d'elles?!

Do lado da Epistola, a primeira capella vindo do cruzeiro era dedicada a Nossa Senhora da Piedade.

Gregorio Mendes da Silva, que fôra capitão de mar e guerra, e provedor da Bahia, a comprou conjuntamente com sua mulher, e a ornaram á sua custa, pintando e doirando o tecto.

Tinha retabolo com duas columnas por banda, e no meio do altar, ao pé da cruz, a imagem da Senhora.

Por de traz da cruz e da sobredita imagem se via um painel de S. João Evangelista, e da Magdalena.

Nos lados da capella estava de cada parte um grande quadro, com molduras de talha doirada, nos quaes se representavam os passos do Senhor caminhando para o Calvario.

Seguia-se-lhe a capella, onde estava a imagem de Christo crucificado. E porque esta capella tambem não tinha dono nem irmandade, estava menos ornada.

A terceira e ultima era dedicada a Santo Antão, cujo titulo o collegio da Companhia trouxera por distincção do collegio velho. Tinha uma irmandade que se foi servindo da referida capella até que no anno de 1685 finalmente a comprou.

Ornaram-a depois fazendo-lhe retabolo de talha, com duas columnas por banda, e um nicho no meio; e n'este estava a imagem do santo sobre uma peanha.

Fizeram no altar sua banqueta de pedra com embutidos, que empregaram tambem n'algumas obras mais de pedraria com que acompanharam a banqueta.

Nos lados da capella assentaram de cada parte um quadro grande, com boas molduras de talha doirada. E nos paineis se representaram passos da vida do Santo.

Ora, já que fallámos aqui novamente em Santo Antão, e ha pouco dissemos que a religião que adoptou o seu titulo já estava extincta em Portugal quando se introduziu a Companhia, não irá fora de proposito dar uma abreviada noticia d'aquella ordem; e mesmo porque não teremos outra occasião de voltar ao assumpto.

Estes religiosos de Santo Antão, tiveram o seu principio em França no anno de 1093, em um lugar chamado *Mota*, no bispado de Viena, occupando Gregorio VII a cadeira de S. Pedro. Era do seu instituto curarem os enfermos da erysipela, a que se chamava *fogo de Santo Antão*, e por isso fundaram um hospital n'aquelle sitio, e assim se foram propagando até que com o titulo e nome de conegos de Santo Antão, e debaixo da regra de Santo Agostinho, foi confirmada no anno de 1297, pelo papa Innocencio VIII. O habito d'estes religiosos constava de tunica, murça e barrete tudo preto, e no peito uma cruz pequena, cosida no mesmo habito.

Em Portugal tiveram estes conegos cinco mosteiros. O primeiro estava em Benespera no bispado da Guarda, que era cabeça dos mais, junto á ribeira do Teixeira: o segundo foi o de Santo Antão o velho, do qual já fallámos, e que tinha um hospital no mesmo sitio hoje da Annunciada: o terceiro foi em Santarem, fora da villa, onde esteve depois a ermida de Santo Antão, que já pelos annos de 1700 não tinha culto, e era toda de abobada, com um arco de pedra que lhe repartia a capella, e não mostrava por estas eras ter tido mais de um altar, por ser mui limitada e pequena. O quinto e ultimo era o de S. Domingos de Bêsteiros, no bispado de Vizeu.

O motivo principal que houve para se extinguir esta ordem em Portugal, foi chegar a tempo, segundo dizem as Chronicas, de cair no poder de commendatarios. Reduziram-se estes mosteiros a uma

commenda que el-rei D. Manuel deu a um fidalgo, por nome Ruy Lopes, por concessão do papa Julio II, no anno de 1510. Tratou o fidalgo mais de lhe comer as rendas que da conservação dos religiosos, que a pouco e pouco se foram extinguindo. Achava-se vaga a commenda no tempo de el-rei D. João III quando d'ella fez mercê aos padres da Companhia, como já fica referido.

Acabamos de ver o modo por que estavam compostas as capellas do corpo da igreja do novo Collegio. Pareceu então aos padres, no anno de 1701, por occasião de novas obras que se fizeram nos lados do corpo da igreja, que esta ficaria mais formosa se lhe ornassem todos os marmores, que eram brancos, com algumas almofadas das mesmas côres que se viam na abobada, e com as quaes fizessem correspondencia. Nos pilares que ficavam entre as capellas assentaram em cada um onze almofadas de marmore preto e vermelho com um embutido branco no meio, fazendo o numero de trinta e seis almofadas. A estas accrescentaram mais dezoito, repartindo, a cada lado de uma das tres tribunas, tres almofadas. Tambem nos arcos das capellas metteram triangulos de marmore vermelho, com seu embutido branco no meio.

Esta obra foi custosa, porque para assentar as almofadas houve de se picar a pedra, moldurar-lhe caixas onde ellas assentassem, e segural-as com parafusos, que depois se cobriram com uma folha da mesma pedra que os occultava á vista.

Cruzeiro da Igreja.

A largura do cruzeiro orçava quasi pelo comprimento do corpo da igreja, e subia-se para elle por um degrau em que estavam assentadas umas grades de jacarandá, seguras em oito pilares de marmore vermelho, bem lavrados.

Nos topos do comprimento do cruzeiro havia duas grandes capellas, ambas á face, e correspondente uma á outra.

A da parte do Evangelho era consagrada a S. Francisco Xavier. Tinha o retabolo, que era de talha doirada, em cada um dos dois corpos de que se compunha duas columnas por banda, da ordem corinthia; e entre as referidas columnas do primeiro corpo havia um santuario de varias reliquias, que se descobriam nos dias de festa, tirando-se-lhes as portas que as occultavam. No meio do dito corpo ficava um grande nicho, e n'elle uma imagem em vulto do mesmo santo, cuja mão direita mostrava um sol de metal doirado, e na esquerda sustentava o livro do Evangelho.

No meio do segundo corpo se via um painel oitavado representando o santo, com sobrepeliz, estola, e na mão esquerda uma imagem de Christo crucificado, mostrando pela posição da direita estar pregando a varios ouvintes que a pintura representava. Tinha o painel molduras mui bem lavradas, e de grande relevo.

Por cima d'este corpo corria uma cimalha real, á qual se seguia outra em que se rematava o retabolo, com um arco de boa talha, ficando no centro um sol com raios, e sobre elle um lirio, symbolo da candura e pureza do santo.

Esta capella tinha sido comprada ao Collegio por D. Joanna de Sousa, viuva do doutor Gabriel Pereira de castro, que occupou o lugar de corregedor do crime da côrte, tão celebre então, e conhecido ainda hoje por suas lettras.

Tinha duas missas quotidianas com a esmola de cincoenta mil réis em cada anno, e mais outros cincoenta mil réis, tambem em juro para a fabrica da capella, guisamento das missas, e azeite da alampada que era grande e formosa, e toda de prata. Além d'esta alampada haviam oito castiças do mesmo metal; seis na banquetta, e eram grandes, de bom fei- tio, e de pé triangular, e que serviam sómente aos domingos e dias de festa. Os outros dois andavam no uso diario.

Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

XXII

De como se ordenou o forte de Sant'Antonio e outros.

N'aquelle tempo, depois que succedeu o atraz, e pois não havia em toda esta ilha Terceira outro forte ao longo do mar, mais que uma fortaleza, que se chama de San Sebastião; a qual El-rei D. Sebastião mandou fazer, depois que se tomou a ilha da Madeira pelos francezes pelo Caldeira, que depois foi tomado, e foi feita d'elle justiça na cidade de Lisboa; e temendo-se esta ilha que fizessem outro tanto, se fez esta fortaleza na barra d'esta cidade, em uma ponta ao longo do porto das pipas, e defronte d'ella está um monte, que se chama o Brazil, que bota duas pontas ao mar, uma para o ponente outra para o nascente; e a que está ao nascente passavam muitas naus prolongando por longo d'ella, e detraz se punham muitas lanchas, sem haver quem lhe fizesse damno, porque ficava a fortaleza de S. Sebastião longe e mais mettida na terra; e de traz d'esta ponta se podiam pôr muitas lanchas, e virem de noite ao longo do Monte do Brazil a fazer damno aos navios, que estivessem ancorados no porto. E ordenou o corregedor Ciprião de Figueiredo de fazer na ditta ponta um forte de Santo Antonio, e na outra, que se chama do Zimbreiro, outro, e assim pela ilha outros muitos, como fez; e logo pôz em effeito tudo, por não faltar aviamento de todas as cousas necessarias na ilha, muita pedra de cantaria de duas sortes, e outras de outras sortes para alveparia. Vinha de França pedra de cal, não faltavam officiaes para a fazerem, como sempre se fez na ilha, muitos cabouqueiros, pedreiros, mestres, que sempre houve na ilha. E ordenou muitas trincheiras e muros ao longo da costa de toda a ilha, como estão hoje em dia, como ao diante se declarará.

XXIII

Da armada que veio das Indias de Castella, depois que D. Pedro de Valdes foi desbaratado, e de uma nau Ingleza; do que lhe aconteceu.

Depois de D. Pedro de Valdes ter perdida a gente que botou em terra, andava com a armada defronte da ilha aos bordos, com sua tristeza do ruim successo, e desordem que tivera primeiro. Em amanhecendo a primeira semana do mez de Agosto, em uma

segunda feira, ouviram de madrugada grande atirar no mar, e em amanhecendo viram como oitenta velas, afora as de D. Pedro de Valdes. Imaginando a gente da ilha, que armada podia ser, logo se certificaram serem frotas das Indias de Castella, que costumavam antigamente sempre tomar esta ilha, e ancorarem no porto d'ella, como em effeito eram. Imaginando os moradores d'esta cidade se pretenderia o ditto D. Pedro com a gente da frota tornar a acometer a terra, se poz a gente em ordem apercebendo-se para pelejarem, e pondo-se pela costa por ordem; e iam fazendo suas trincheiras, e assim andou a frota e armada alguns dias, indo-se cada vez emmarando-se, e afastando-se mais da terra. E n'este tempo chegaram duas naus inglezas, que vieram metter-se no porto ao longo da terra: uma d'ellas se chamava do capitão Berri, e era uma nau de guerra muito bem artilhada, e trazia bons soldados. E as armadas de Indias se foram, e ficou D. Pedro, e trazia duas naus biscainhas grandes veleiras, as quaes de continuo vinham perto do porto, a ver o que estava dentro: e vindo um dia uma das naus biscainhas a reconhecer e ver o que havia dentro no porto, por ouvirem de continuo o atirar, que eram naus que vinham de França e Inglaterra; botou o capitão Berri após ella, e como não podia a ditta nau trazer mais que a gente marinheira teve por conselho fugir-lhe, e se ir metter entre as mais naus. Tornou-se ao porto o ditto capitão inglez. Quando foi ao outro dia pareceram duas velas somente defronte do porto. Foi-se a ellas o capitão Berri, e uma d'ellas era o Galeão S. Christovam, que vinha da ilha de San Miguel, e tinha lá levado a Ambrosio de Aguiar, e Corregedor. A nau ingleza se mettu com elle em briga, e de tal sorte pelejaram que elles mesmos se apartaram com gente morta de parte a parte, e o capitão Berri veio muito ferido, e depois de chegado a esta cidade falleceu, e com grande pompa e como capitão foi a enterrar. E n'este tempo da peje andava D. Pedro de Valdes desviado, que parece que o Galeão vinha ter com elle.

Continua.

AVISO.

Roga-se aos srs. subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.

São correspondentes do editor:

No Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; Coimbra, a Imprensa da Universidade; Viana do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximiano Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio de Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, o sr. Rodrigo José Ferreira Guimarães, rua de Baixo num. 21; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães; Ceará, o sr. Joaquim José de Oliveira; Pará, o sr. Manuel Gomes de Amorim.